

Estudo 4

Os Salmos de celebração à realeza. Messiânicos (I)

(Sl 2, 18, 20, 22, 23, 24, 45, 47 e 63)

Marcelo Dantas
estudosmec@pibrj.org.br

Antes de fazer uma análise dos salmos é importante destacar que as Escrituras, por inteiro, apontam em uma única direção, Cristo. O propósito central das Escrituras é dar testemunho do Messias. Ao longo de todo Antigo Testamento e do Novo Testamento, Jesus é o personagem principal, mesmo quando seu nome não é mencionado.

Quando lemos, por exemplo, Gênesis 3.15, Cristo está lá. Em Êxodo 12, na páscoa, Cristo está lá. Nos sacrifícios de Levítico, Cristo está lá. Na história de Jonas no peixe, Cristo está lá. Todo o Antigo Testamento prefigura Cristo, seu ofício e sua obra.

Como afirma Goldsworthy em sua obra “Trilogia”: “Ser cristão é reconhecer em Jesus Cristo o objetivo de todas as coisas, incluindo-se o alvo da história da redenção. Como Jesus Cristo é a imagem perfeita de Deus (Cl 1.15-20; 2.9,10; Hb 1.3), nós o vemos como a finalidade para a qual toda a revelação anterior de Deus se dirige, e em quem ela se cumpre e recebe significado. (...) É importante entender com muita clareza que o AT no NT não significa apenas o convite para entender Jesus Cristo como o fim do processo. É também a exigência de que toda a Bíblia seja entendida à luz do evangelho. Isso significa que Jesus Cristo é a chave para a interpretação de toda a Escritura, e a tarefa diante de nós é discernir como ele interpreta a Bíblia. Deve-se entender desde o início que, quando falamos de Jesus Cristo como a chave interpretativa, devemos falar de Jesus Cristo como ele é revelado — o Messias do evangelho. Isso não é suficiente para salientar a ética do homem Jesus de Nazaré fora do contexto dos atos salvadores de Deus (como muitos liberais fazem), nem para salientar a presença sobrenatural do Cristo com o cetero fora do contexto do significado, da humanidade histórica, de Deus, que veio em carne (como muitos evangélicos fazem). Obviamente, precisamos

ser claros sobre o próprio evangelho se quisermos entender o significado de Cristo para a Bíblia.”¹

Adentrando no livro de Salmos, pode-se dizer que “os salmos podem ser divididos em subcategorias, e uma delas, é a de cânticos de entronização. Eles “celebram o reinado de Deus como Senhor das nações. Dois componentes são característicos: uma exortação no plural, chamando retoricamente as nações e a criação para o louvor a Javé, e os motivos do louvor; como, por exemplo, atos redentores de Deus para Israel (99.6s), poder (97.4); glória (96.6); justiça (99.4) e vitória (47.3). Alguns desses cânticos têm foco escatológico, celebrando a vinda final de Deus para acertar todas as coisas (e.g. 96.13;98.9)”²

Conforme afirmado anteriormente esses salmos “retratam Deus como o soberano governante da nação de Israel e das nações do mundo, reinando de Sião (p. ex., Sl 46-48; 65; 93; 96-99; 100). De igual importância é o fato de que esses salmos também enxergam Davi como o filho de Deus, levando adiante a autoridade de Deus àquelas nações (Sl 2; 45; 72). Esses salmos podem ainda ser colocados, de maneira geral, em sequência linear. Desse modo, o Salmo 2 trata da posse do ungido; o Salmo 62 trata de sua majestade e glória; o Salmo 72 trata do alcance de seu reino; o Salmo 89, de sua humilhação; e o Salmo 132, da esperança para o futuro.”³

Walter Kaiser afirma que no Salmo 2 Jesus, “como filho de Deus, reivindicou o direito de reger o mundo inteiro. Não era a continuação eterna da casa de Davi que estava em vista

¹ GOLDSWORTHY, Graeme. *Trilogia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2016. p.97-98

² Lasor, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 471.

³ KAISER, Walter C. Jr. *O plano da promessa de Deus: teologia do Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 132.

aqui, mas, sim, a conclusão triunfante do relacionamento filial, divinamente estabelecido, da pessoa da descendência de Davi para com Deus.”⁴

“O rei davídico foi chamado "Elohim" no Salmo 45.6. Os juízes de Israel também representavam a Deus e também eram chamados “Elohim”; sendo que a solenidade de chegar-se diante de um juiz era comparável com o chegar-se diante de Deus (Êx 21.6; 22.8,9,28; cf. Sl 82.1,6). Mesmo assim, o Salmo 45.6 reivindicou ainda mais para os juízes do que Êxodo o fez:

O teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos, e o cetro do teu reino é cetro de equidade.

Portanto, não somente foi o ofício de rei identificado com a deidade, como também a própria pessoa do rei, com sua dinastia, regeria como Deus para sempre! (Notem-se v. 2,16-17). Assim como o rei davídico foi chamado, no Salmo 89.26-27, “filho” de Deus, seu “primogênito” e “o mais exaltado” (‘elyôn, Altíssimo”, quando aplicado a Deus), também o seu trono, por metonímia, agora era chamado Elohim no Salmo 45. Desta forma, aquilo que Deus representava no céu, Davi foi nomeado para ser, como símbolo e garantia do rei de Deus, na terra. A linguagem humana parecia estar pronta para irromper todas as barreiras ao descrever este relacionamento filial, sem igual, entre um homem e Deus.”⁵

“No hinário de Israel, o salmo funciona para encorajar Israel com a garantia que o rei irá vencer a batalha. Como veremos na “teologia” (...), o salmo é uma profecia que agora é cumprida por Jesus Cristo, o filho de Davi (Mt 1.1) e no futuro será consumado na Segunda Vinda deste Filho, que é muito maior que Davi. Depois que o primeiro templo foi destruído e nenhum rei se assentou no trono de Davi, este salmo dentro do cânon se tornou uma profecia do reinado de Cristo e é assim interpretado no Novo Testamento (Lc 24.44”).⁶

⁴ KAISER, Walter C. Jr. *O plano da promessa de Deus: teologia do Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 133

⁵ KAISER, Walter C. Jr. *O plano da promessa de Deus: teologia do Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 134

⁶ WALTKE. Bruce K. *Os Salmos como adoração cristã: um comentário histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2015. p. 175

“Jesus Cristo de Nazaré cumpriu esta experiência, e ele próprio e seus apóstolos o identificam como o cumprimento dos salmos. Dentro do cânon da Escritura, Jesus Cristo é o rei que o Salmo 2 celebra. Embora Jesus Cristo cumpra o salmo, ele ainda não exauriu suas promessas, pois precisa reinar até que ponha todos os seus inimigos debaixo de seus pés (1Co 14.20-28; Fl 2.9,10; Ap 2.27; passim).

Em suma, o salmo é típico-profético (...). Durante a existência do primeiro templo (960 a.C.- 586 a.C.), o salmo foi usado na coroação dos sucessores de Davi em seu trono. Neste contexto, os títulos “rei”, “ungido”, “filho” são escritos em letra minúscula. Mas no período do Segundo Templo, eles se referiram ao Messias, que no Novo Testamento é identificado como o Filho de Deus tanto pelo nascimento virginal na teologia de Mateus (Mt 1.18-25) como por ser a Segunda Pessoa da Trindade na teologia joanina (João 17) e não apenas o filho adotivo de Deus como no Antigo Testamento. No contexto do Novo Testamento, os títulos de rei são escritos em letra maiúscula: “Ungido”, “Rei” e “Filho”.⁷

Bruce Waltke afirma que o Salmo 22 teria sido o mais citado na descrição da Paixão de Jesus nos evangelhos sinóticos, como forma de cumprimento. Em João 10.10 Jesus se diz o bom pastor, mostrando-se como o cumprimento do pastor do Salmo 23 que cuida de suas ovelhas e está sempre com elas nos momentos de calma ou de perigo. Com isto, aprendemos a olhar para as Escrituras procurando um sentido cristológico que, ainda que o escritor não tivesse consciência, estava prefigurando em tudo o que foi escrito.

⁷ WALTKE. Bruce K. *Os Salmos como adoração cristã: um comentário histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2015. p. 193